

A ESPOSA DO COMANDANTE MENDONÇA

Peça teatral de autoria de Expedycto Lyma

Uma comédia em um ato único e dois personagens

PERSONAGENS

Carolina

Palhaço Alemão

EM CENA, A VELHA VIÚVA CAROLINA

Carolina — [A PARTE, A SÓS] Eu não sei até quando vou ficar assim na espera de alguém que se foi e não me dá notícias. O meu marido é um comandante do exército. O grande Comandante Mendonça. Foi combater uma batalha, mas já fazem cinco anos que terminou a guerra e até agora não apareceu. E o pior é que eu não sei se ele está vivo ou se morreu durante a Revolução. Não recebi um telegrama sequer.

ENTRA EM CENA O PALHAÇO

Palhaço — Dona Gasolina... Dona Gasolina...

Carolina — Mas o que foi, Alemão?

Palhaço — Aconteceu uma coisa lá no chiqueiro dos porcos.

Carolina — Nossa mãe... Os porcos fugiram todos?

Palhaço — Não, num é isso. É que os leitão derrubaram a porca no chão e agora tão comendo tudo os botão da porca.

Carolina — Que botão da porca? Imagina só... Alemão, os leitões estão mamando na porca!

Palhaço — Ah é? Mas então eles num tão comendo os botão, é?

Carolina — É claro que não. Ô Alemão, já que você veio aqui, vai fazer um serviçinho pra mim.

Palhaço — Cruz credo, é só serviço aqui. A gente nem bem sai de um serviço e entra no outro. Aí sai do outro e entra em um pior ainda. E dinheiro que é bom, neca.

Carolina — Vamos, Alemão. Você é que é o meu empregado e tem que me obedecer.

Palhaço — Tá bem, tá bem, véia. O quê que eu tenho que fazê? Ir lá na cozinha, pegar o prato e recolher?

Carolina — Recolher o quê?

Palhaço — Recolhê o feijão.

Carolina — Quer recolher o feijão para onde?

Palhaço — Pra dentro [FAZ GESTO DE COLOCAR PRA DENTRO DA BOCA]

Carolina — Ah, já sei. Você quer só comer, comer, comer...

Palhaço — Então... A gente precisa ir comendinho, né véia?

Carolina — Vá... vá... chega!

Palhaço — Tá bom, véia. O que é pra mim, fazê?

Carolina — É o seguinte...

Palhaço — [INTERROMPENDO] O preço do chipanzé é cento e vinte.

Carolina — Que chipanzé? Olhe, vamos deixar de brincadeira. E ouça bem...

Palhaço — Aaa... Onde que tem onça?

Carolina — Eu falei ouça e não onça...

Palhaço — Ah sei, onça, mas é de ouvido.

Carolina — Pois bem, eu vou até o correio me informar se tem carta para mim.

Palhaço — Tá bem. Eu vou até a carta e pergunto se tem correio pra senhora.

Carolina — A carta?

Palhaço — Pois é, a carta.

Carolina — A carta onde?

Palhaço — A carta onde?

Carolina — Não seja idiota, onde você vai ver a carta?

Palhaço — No correio.

Carolina — Ah sim. Agora tá certo!

Palhaço — É, véia chata... A véia pensa que eu sou burro. Pois é claro que vou ver a carta pra ver se veio o correio.

Carolina — Alemão, como você é burro!

Palhaço — Eu num sô burro.

Carolina — Você é duas vezes burro.

Palhaço — O quê? Duas vezes burro? Pode por mais vez nisso aí.

Carolina — Três vezes?

Palhaço — Ché, muito mais!

Carolina — Quer saber de uma coisa?

Palhaço — Ah!...

Carolina — Dez vezes burro!

Palhaço — Mas pera aí... Então, já num sô nem burro, já sô uma tropa. É véia, você pra sê uma bruxa, só farta pena.

Carolina — Ô! Já viu bruxa ter pena, seu orelhudo?

Palhaço — Bruxa não tem pena, é?

Carolina — É claro que não.

Palhaço — Então, não falta mais nada.

Carolina — Vai logo no correio antes que feche.

Palhaço — Então ó tchau, véia!... [ANTES DE SAIR, À PARTE] Véia, oh véia... Essa véia... Apesar de escalafobética, não deixa de sê um materiarzão. É bitela! A carroceria da véia é uma montanha russa. O corpo da véia parece a estrada de Apiaí da Ribeira, tudo cheio de curva. E eu sem breque... Ah véia, num sei não. [ENTRANDO DE NOVO, SE DIRIGE PARA ELA] Véia, então tchau. Agora eu vou mesmo. E não adianta insistir. Eu vou hein! Ô véia...

Carolina — Vai logo! Um pé lá, e outro aqui.

Palhaço — Não vou mais.

Carolina — Porque não vai mais?

Palhaço — Como é que eu vou lá com um pé e outro aqui. Tá pensando que é perto assim o correio, é?

Carolina — Eu disse pra ir correndo, e voltar voando.

O PALHAÇO FAZ GESTO DE VOAR

Palhaço — O que é isso, Alemão?

Carolina — Resolvi ir voando e voltar correndo, porque pra vortá é só descida

E O PALHAÇO SAI DE CENA

Carolina — [A SÓS] É, esse Alemão é mesmo um trapalhão. Mas, mesmo sendo um maluco, é um bom empregado. Até já estou acostumada com suas maluquices. Vamos ver se chegou alguma carta para mim. Até meus parentes me esquecem às vezes. [NISSO BATEM NA PORTA]. Quem será que está batendo? [ELA VAI ATENDER E VOLTA COM UM CARTÃO] Mas que beleza! Um convite para um almoço no domingo na casa Condessa. A Rainha da Flecha. Irei sim, como não? A Rainha da Flecha é um gênio. Ganhou o concurso de atiradora várias vezes.

ENTRA EM CENA O PALHAÇO CANTANDO AS BESTEIRAS

Palhaço — Véia, já fui no correio.

Carolina — E então? Tinha alguma carta?

Palhaço — Tinha.

Carolina — Cadê então?

Palhaço — Cadê o quê?

Carolina — A carta.

Palhaço — Que carta?

Carolina — Mas eu não mandei você ir ver se tem carta?

Palhaço — E eu não fui?

Carolina — Então, dê-me a carta.

Palhaço — Ô véia, você num falou nada que era pra trazer. Deixei lá. Num era só pra ver se tinha?

Carolina — Oh não! Se tinha carta, era pra trazer, ora.

Palhaço — Ah bom... Agora que você me disse que era pra trazê. Então, tem que vortá lá, véia...

Carolina — É claro que sim!

Palhaço — Mas eu... Eu to cansado, véia.

Carolina — Que tipo de homem é você? Se cansa assim à toa. Homem não se cansa, Alemão.

Palhaço — Eu sou homem, véia.

Carolina — Você é homem.

Palhaço — Eu sô homem, meu pai é homem, meu avô é homem, meu tio é homem, meu primo é homem, minha mãe é homem...

Carolina — Sua mãe também.

Palhaço — Eh, o que é isso? Minha mãe, não. Mas eu sô.

Carolina — Porque você é homem.

Palhaço — Porque, quando eu nasci, a parteira disse que eu tinha torneirinha.

Carolina — Ô Alemão, você sabe que eu fui convidada para ir almoçar na casa da Condessa, a Rainha da Flecha?

Palhaço — Na casa de Nhá Brexa?

Carolina — Na casa da Condessa, a Rainha da Flecha.

Palhaço — Pois é! Na casa de Nhá Brexa. Eu também fui convidado?

Carolina — Convidado para o quê?

Palhaço — Pra ir lá na Brexa também. [ELE PEGA UM BILHETE DO BOLSO] Ó o convite aqui ó.

Carolina — O quê? Você também tem cartaz, hein Alemão...

Palhaço — Xé véia. Você num viu o mínimo ainda. Ó só o estilo [E FAZ POSE] Tipo Roberto Carlos.

Carolina — É, está se vendo. Olhe Alemão: este convite não é da Condessa.

Palhaço — Num é?

Carolina — Você não leu direito.

Palhaço — É mesmo, véia. É da Brexinha mais nova.

Carolina — É da rainha da flechinha.

Palhaço — É a rainha da brexinha. E eu que pensei que era de Nhá Brexa e era da brexinha mais nova.

Carolina — É. Vou ver eu mesma a carta. [FAZ GESTO QUE VAI SAIR]

Palhaço — Véia, você vai no correio?

Carolina — Vou sim. Você não presta nem para isso.

Palhaço — Então, faz um favor para mim?

Carolina — Do quê?

Palhaço — De comprar um penico novo.

Carolina — Eu trago sim. Vou trazer um bom.

CAROLINA SAI DE CENA.

Palhaço — [A SÓS] É Dona Gasolina, essa véia é um trezão. Eu, com um materialzão desse aí, tava feito. Num precisava de mais nada. Dinheiro ela tem, onde morar também. E ela perdendo tempo. [À PARTE] Agora fica aí esperando o desgrenhado do marido e eu aqui, de beque. Pois já faz cinco anos que ele não aparece e ela esperando, esperando. Isso já morreu e já fedeu por lá. Ah se a véia fosse com a minha cara... A fazendinha aqui vale um notão!

OUVE-SE A VOZ DE CAROLINA AO FUNDO

Carolina — [GRITANDO BEM ALTO] Alemão! Alemão!

O PALHAÇO SE ASSUSTA E DESCE DO PALCO. NISSO A CAROLINA ENTRA EM CENA COM A CARTA.

Carolina — Ô Alemão. Venha aqui já!

Palhaço — Desse jeito você assusta todo mundo.

Carolina — Fique sabendo que sou eu que não posso levar um susto desses.

Palhaço — Por quê, véia?

Carolina — Eu sofro da aorta.

Palhaço — Da horta? E eu sofro do canteiro.

Carolina — Bem, leia a carta para mim... Estou muito nervosa.

Palhaço — Eu não posso lê sem óculos.

Carolina — Ah é... Pronto... aqui tens os óculos.

ELE PÕE OS ÓCULOS.

Palhaço — Véia, eu esqueci de contá uma coisa...

Carolina — O que é?

Palhaço — Eu não sei lê... Eu sou analfabético.

Carolina — Porqueira... Deixe, eu leio. [SENTANDO] Está muito escuro. Alemão! Acenda uma vela e venha clarear aqui. Quero ver o que diz.

Palhaço — Acender uma vela, é pra já.

CAROLINA ABRE O ENVELOPE. AO MESMO TEMPO, O PALHAÇO ACENDE A VELA, MAS DEIXA DISTANTE DA VELHA.

Carolina — Como é, Alemão?

Palhaço — A vela tá acesa.

Carolina — Clareie aqui a carta.

ELE LEVA A VELA NA DIREÇÃO DE CAROLINA

Palhaço — Tá bão aí, véia?

Carolina — Mais pra baixo.

Palhaço — Mais pra baixo.

Carolina — Mais pra baixo.

E O PALHAÇO NO FIM ACABA QUEIMANDO O PAPEL.

Palhaço — Agora sapecou o papel, fedeu.

Carolina — Ai, Alemão, o que você foi fazer?

Palhaço — Vixe! Sapecou até a cara da véia.

Carolina — E se era alguma notícia boa?

Palhaço — É, mas você mandou clarear a carta.

Carolina — Mas não mandei queimar, né.

Palhaço — Oê falou “pra baixo, pra baixo” e eu sapecuei a coisa. Ô véia, tem

uma coisa que eu preciso contá.

Carolina — Conta então, Alemão.

Palhaço — Aí e lá... Eu fico frouxo...

Carolina — Vamos, Alemão. O que é?

Palhaço — Eita bitela... [À PARTE] Por isso que eu gosto de conversar com muié...

Carolina — Gosta, é? Por quê?

Palhaço — Porque mulher fala macio, conversa sobre carinho, sobre amor. Vai conversá com home pra você vê. Já breganha o canivete até quando ouve “O Brasil ganhou” de não sei quem...

Carolina — Pois é. Sobre o que você tem que conversar?

Palhaço — Véia... Eu e você. Você e eu, véia...

Carolina — O que tem eu e você e você e eu?

Palhaço — [À PARTE] Eita mulher que não compreende!

Carolina — Não compreendo o quê?

Palhaço — Nós dois, véia.

Carolina — O que tem nós dois?

Palhaço — [À PARTE] Ai ê lá... Que eu fico frouxo... Eu num guento. Nós dois junto, véia.

Carolina — O que é que tem nós dois juntos?

Palhaço — Nós dois se gostando, véia...

Carolina — Não compreendo.

Palhaço — Eita véia carne de cabeça... Eu to gostando do cê, véia.

Carolina — Fique sabendo que eu quero respeito nesta casa. Veja só. Ele querendo me amar. Não vá pensar que eu vou amá-lo.

Palhaço — Eu sei que você num qué a mala, mas, querendo eu, já tá bão.

Carolina — Fique sabendo que eu sou uma mulher casada e exijo todo respeito comigo.

Palhaço — Virge! Deu porcaria... Pensei que eu ia diferenciá minha vida agora.

Carolina — Meu marido pode chegar de uma hora pra outra. Ele é um herói. Tem que estar vivo ainda. Se eu não recebi nenhum telegrama, é porque ele vive.

Palhaço — Ocê tá mais é loca, véia. O Comandante já morreu e já fedeu.

Carolina — Cale-se, Alemão.

Palhaço — Já tô calando.

Carolina — Entupa-se.

Palhaço — Já tô entupindo, mas fale a verdade, véia. Você tá gostando de mim um pouquinho?

Carolina — Eu não.

Palhaço — Mas nem um pouquinho?

Carolina — Mais nem um pocão.

Palhaço — Eita bitela. Mas só uma coisinha de nada assim, você tá, né véia?

Carolina — Olha aqui. Quer saber de uma coisa? Não me amole, Alemão.

A VELHA SAI DE CENA.

Palhaço — [À PARTE] Eita véia boa... A véia insiste que o Comandante tá vivo ainda. Já faz cinco anos e não deu em nada a resolução, nenhuma notícia dele. Isso é mais que certeza que morreu e fedeu. Eu tenho certeza que a véia tá gostando de mim e, se ela gosta, vai ser um negócio pra mim. Vou podê comprar um pé de bode e até descansar um pouco. Espere. Tenho uma ideia! Eu vô inventá um telegrama falso dizendo que o Comandante morreu. Assim que a véia receber a notícia, fica viúva mesmo e casa comigo.

NISSO A VELHA ENTRA COM UM TELEGRAMA NAS MÃOS

Carolina — Alemão... Olhe só!

Palhaço — O que aconteceu?

Carolina — Depois de muitos anos recebi um telegrama dizendo que meu marido está regressando para cá. O Comandante, meu marido, estava preso em outro país depois que terminou a revolução e agora foi posto em liberdade. Já está a caminho!

Palhaço — [À PARTE] Esse negócio já deu porcaria. [ELE PROSEGUE, E DIZ PARA ELA] Quem sabe é outro Comandante, véia?

Carolina — Não, é no telegrama diz que é o Comandante Mendonça. O meu marido mesmo.

Palhaço — Então quer dizer que o Comandante não morreu e nem fedeu? Ele apareceu?

Carolina — Isso mesmo. Sabe o que você vai fazer agora?

Palhaço — Arranjá outro emprego.

Carolina — Que arranjà outro emprego, Alemão!

Palhaço — Mas o que eu vô ficá fazendo aqui, véia? Nós dois num vai ter jeito mesmo.

Carolina — Você ainda é meu empregado. Mas agora eu vou escrever uma carta para minha mãezinha e você vai pôr no correio, o mais depressa.

Palhaço — Chi... Vai vir outra velha rabugenta.

Carolina — Alemão, traga o tinteiro.

ELE VAI APANHAR E TRAZ PARA CAROLINA

Palhaço — O tinteiro. [A VELHA NÃO PRESTA ATENÇÃO]

Carolina — Agora traga uma caneta.

ELE LEVA O TINTEIRO E TRAZ A CANETA

Palhaço — Uma caneta.

Carolina — E também uma folha de papel.

ELE LEVA A CANETA E TRAZ A FOLHA DE PAPEL.

Palhaço — Aqui tá o papé.

Carolina — Agora o envelope.

Palhaço — Pronto... Assim não dá, também o papel, e agora quer o envelope [ELE LEVA O PAPEL E TRAZ O ENVELOPE] Que mais, véia?

Carolina — Agora é só.

Palhaço — Só não tem...

Carolina — Mas onde estão as coisas que eu pedi, Alemão?

Palhaço — Tá aí, ué...

Carolina — O envelope. Mas e o resto?

Palhaço — Ocê falou que queria o tinteiro, eu trouxe. Depois queria a caneta, eu trouxe e levei o tinteiro. Depois você num queria mais a caneta, queria o papel. Depois, já não quis o papel e pediu o envelope. Tá aí.

Carolina — Eu disse. Tudo junto.

Palhaço — Ah, sei. Tudo misturado.

Carolina — Exatamente.

O PALHAÇO LEVA O ENVELOPE E TRAZ TODO AMASSADO NUM PACOTE SÓ.

Palhaço — Tá aí, tudo misturado como você pediu.

Carolina — Mas onde é que já se viu isso. O que você fez, Alemão?

Palhaço — Você falou pra trazê tudo junto. Tá aí.

Carolina — Eu disse, mas não era pra amassar. Como é que eu vou escrever num papel todo amarrotado?

Palhaço — Ah isso é fácil... Dá aqui que eu passo [ELE PEGA O PAPEL, COSPE, PÕE NO CHÃO E PASSA COM A BUNDA]. Tá aí, véia. Passadinho da silva;

Carolina — Olhe, escreva pra mim. Eu dito.

Palhaço — Ah, o Dito!

Carolina — Eu dito. Quero dizer, eu digo o que você escreve

Palhaço — Já sei! Você dita e eu escrevo.

Carolina — É. Sente-se aí.

O PALHAÇO SENTA-SE

Palhaço — Pronto, Dona Gasolina.

Carolina — Dona Carolina!

Palhaço — Gasolina.

Carolina — Carolina, Carolininha.

Palhaço — [À PARTE] Bucho azedo.

Carolina — Escreva aí!

Palhaço — Bucho azedo.

Carolina — Que bucho azedo?!

Palhaço — Num era pra escrever isso?

Carolina — Não. Preste atenção, Alemão.

Palhaço — Preste atenção, Ale...

Carolina — [INTERROMPENDO] Apague tudo isso aí.

Palhaço — Apague tudo isso aí.

Carolina — Alemão... Chega! Chega!

Palhaço — Alemão chega.

A VELHA TOMA A CARTA

Carolina — Me dá aqui isso, seu burro.

Palhaço — Burro, não!

Carolina — Vinte vezes burro.

Palhaço — Então, já é uma tropa.

Carolina — Você vai escrever o que eu vou ditar? Escreva aí na carta! X-A-N-G-A-I

Palhaço — Chingai...

Carolina — Que chingai é esse?

Palhaço — Então, véia. Chingai.

Carolina — 23 de fevereiro.

Palhaço — 24 de fevereiro

Carolina — De 1970.

Palhaço — De 1500.

Carolina — Que 1500? Em 1500 foi o Descobrimento do Brasil, rapaz.

Palhaço — É mesmo... Engraçado né, véia? Pedro Arve Cabrá descobriu o Brasil por 1500 e hoje ele num dá nem 1800 cruzeiros novos.

Carolina — Vamos, escreva! 23 de fevereiro de 1970.

Palhaço — De 1970

Carolina — Pois é Alemão. Esse é o cabeçalho.

Palhaço — Esse é o cabeçalho...

Carolina — [INTERROMPENDO] Não é isso que é pra escrever... Escreva aí: Minha mãezinha.

Palhaço — Minha não, a sua.

Carolina — Pois é a minha mesmo.

Palhaço — Então... Sua mãezinha.

Carolina — É pra escrever minha mãezinha!

Palhaço — Mas porque a minha?

Carolina — Já disse. Escreva aí. M-I-N-H-A.

Palhaço — Então, sua mãezinha.

Carolina — É com muito carinho que escrevo estas linhas.

Palhaço — É com muito carinho que borro esta linha. Escute, assim não dá. Essa linha é do quê, de pesca?

Carolina — Que de pescar? É a linha do papel.

Palhaço — Era só ter dito antes. [CONTINUA A ESCREVER] Essas linhas de papel...

Carolina — Não era preciso escrever isso.

Palhaço — Ô véia, então, é melhor não escrever nada. Uma hora você fala pra eu escrever e depois não é mais. Assim não dá.

Carolina — Olhe... Me dá aqui. Eu escrevo!

Palhaço — Quer que eu dite?

Carolina — Chega de suas maluquices, Alemão.

Palhaço — Escreva você mesmo. Eu já tô perdendo a paciência. A outra muié minha quase bati nela por causa disso.

Carolina — Você num sabe que é covardia um homem bater em mulher?

Palhaço — É por causa disso mesmo que eu nunca bati. Isto é... Pra não dizer que bati... Bati só uma vez.

Carolina — Você teve a coragem de fazer isso?

Palhaço — Ah tive! Só uma vez.

Carolina — Por que você bateu nela?

Palhaço — Porque eu tava embarcando no ônibus. Um ônibus super lotado, que nem sardinha em lata. Então, véia, embarcou uma passageira com uma mala desse tamanho.

FAZ UM GESTO COM A MÃO QUE INDICA UMA MALA GIGANTESCA

Carolina — Nossa, que enorme!

Palhaço — Ela ficou bem perto de mim e, então, passou o cobrador de ônibus.

Carolina — Sim, o cobrador. E...

Palhaço — Cobrou a passagem dela. Era cinquenta centavos. Ela abriu aquela bruta mala. Tinha uma bolsa. Abriu aquela bolsa e tinha uma valise mais pequena dentro. Abriu aquela valise mais pequena, tinha outra mais pequena. Abriu aquela mais pequena e tinha outra ainda mais pequena. Dentro daquela, tinha uma mais pequenininha. Abriu aquela pequenininha e tinha um porta níquel. Ela tirou a moedinha de cinquenta centavos e deu pra pagar a passagem.

Carolina — Sei... Sei... E daí?

Palhaço — Daí ela fechou o porta níquel e guardou naquela valise mais pequenininha. Depois, pegou aquela e guardou naquela outra maiorzinha. Aquela maiorzinha guardou naquela maior. Aquela maior guardou na bolsa grande. Depois guardou aquela bolsa grande na mala e fechou.

Carolina — E daí, Alemão?

Palhaço — Daí passou o vendedor de doce. Ela perguntou “quanto é o docinho?”. Ele disse “vinte centavos”. Ela ficou com um docinho, abriu a mala grande, e dentro dela tirou uma bolsa...

Carolina — [INTERROMPENDO] E daí, Alemão?

Palhaço — Daí passou o sorveteiro. Ela comprou um picolé e perguntou “quanto é?”. Ele disse “dez centavos”. Ela, se equilibrando com o sorvete, abriu bem devagar a mala grande, e dentro dela tirou uma outra bolsa. Abriu a bolsa...

Carolina — [INTERROMPENDO NOVAMENTE, JÁ ENFADADA] E daí, Alemão?

Palhaço — Daí passou um vendedor de bexiga gritando “óia a bexiga, óia a bexiga!”.

Carolina — E ela comprou uma bexiga?

Palhaço — É, ela comprou. Daí foi pagar o bexiguento, pegou a mala e...

A VELHA GRUDA NO ALEMÃO PELO COLARINHO E DIZ

Carolina — Você não vai abrir de novo essa mala, senão eu tacho lhe mão na cara.

Palhaço — Pois é. Foi isso mesmo que fiz pra mulher. Taquei a mandioca nela.

Carolina — Olha Alemão, hoje não dá mais tempo. Mas amanhã você vai bem cedo você vai pôr esta carta no correio para mim. Eu vou deixar aqui em cima, você apanha e vai. Sem falta.

Palhaço — [À PARTE, SUSSURRANDO] Ô véia carniça [IMITANDO A VELHA] “É só ir no correio, amanhã bem cedo”. Vá dormir véia! Que coisa! Eu já tô ficando cansado. Hoje faz três noites que eu não durmo.

Carolina — Boa noite, Alemão.

Palhaço — Boa noite, fedorenta.

Carolina — O que você disse?

Palhaço — Eu disse que a noite aumenta [ELA FAZ GESTO QUE VAI SAIR, ELE SUSSURRA] Feição de lobisôme.

Carolina — Agora eu ouvi!

Palhaço — Eu disse que amanhã é dia de São Gerome.

Carolina — Ah bom.

Palhaço — [SUSSURRANDO] Estrupício

Carolina — Agora não me enganei. Você disse estrupício.

Palhaço — Eu falei princípio.

Carolina — [SEM SE CONVENCER] Boa noite, Alemão.

A VELHA SAI DE CENA

Palhaço — [A PARTE, A SÓS] A véia vai dormir lá no quarto chique. Lá tem até corchão de mola. E eu? Fazer o quê? Vou durmi aqui mesmo ué.

ELE SE AJEITA PARA DORMIR E SE COBRE. NAQUELA BASE. DEPOIS DE TANTA GRAÇA, COMEÇA A SENTIR PULGAS NO SEU CORPO. PREOCUPADO COM AS PULGAS, ELE SE LEVANTA E TENTA MATAR COM O SAPATO. SEM CONSEGUIR, PEGA O REVÓLVER.

Palhaço — Virge! Essas pulgas mais parecem um desfile do tiro de guerra. Desse jeito eu descarrego a minha munição e num acabo com a procissão delas. Espera um pouco, já sei o que vou fazer! [SEM SABER O QUE FAZER, VÊ A FOLHA EM CIMA DA MESA E DIZ] Vou sapecá o purgueiro da véia! [ELE PÕE FOGO NA

CARTA E SAPECA AS PULGAS]. E aí, suas miseráveis. Morreu, fedeu. Agora eu durmo sossegado.

ELE SE COBRE E DORME ASSOBIANDO. DE REPENTE, ALGUM TEMPO DEPOIS, A VELHA ENTRA NUM GRITO CHORANDO.

Carolina — Aaaaaa... [O PALHAÇO LEVANTA NUM SUSTO E CORRE, DESCENDO DO PALCO] Alemão do céu! Acorde!

Palhaço — O que é isso, véia? Parece um bezerro desmamado.

Carolina — Você não sabe o que aconteceu?

Palhaço — Já sei, fedeu...

Carolina — Estou triste, Alemão.

Palhaço — Por que, véia?

Carolina — Acabo de receber um outro telegrama dizendo que o avião que meu marido vinha caiu numa montanha perto daqui.

Palhaço — Então deu porcaria. E ele morreu?

Carolina — Sim, morreu... Morreram todos do avião, inclusive meu marido, o Comandante Mendonça.

O PALHAÇO SE PÕE A CHORAR

Carolina — Por que está chorando?

Palhaço — Porque ele morreu, véia? Ele era tão rico.

Carolina — E o que que tem isso? Ele não era nada seu.

Palhaço — É por isso mesmo, véia. Eu nunca vô herdá nada.

Carolina — Ah... Sem vergonha!

Palhaço — E agora, véia. O que ocê vai fazê?

Carolina — Agora eu fiquei sozinha, Alemão

ELA CHORA. POUCO DEPOIS, O PALHAÇO CHORA TAMBÉM. OS DOIS SE ABRAÇAM, CHORANDO.

Carolina — Por que você tá chorando de novo, Alemão?

Palhaço — Porque eu também tô sozinho...

Carolina — Nós somos dois sofredores.

Palhaço — É... Nós semo dois sofrêdô.

Carolina — O que nós vamos fazer agora, Alemão?

Palhaço — Nós vamo fazê o seguinte: ocê casa comigo e eu caso cocê.

Carolina — Mas agora a igreja está fechada ainda.

Palhaço — Não, nós casa atrás da igreja mesmo.

Carolina — Você gosta de mim, Alemão?

Palhaço — Ah... Eu... Eu gosto... Eu gosto.

Carolina — Então você tem que dizer o mesmo verso que eu vou dizer a você.

Querido, desde o momento que te vi

Meu coração palpitou

Na corrente dos teus braços

Meu amor preso ficou

Palhaço — [IMITANDO A ENTONAÇÃO DELA]

Querida, desde o momento que te vi

Meu coração apitou

No volante dos teus braços

Amarrei a água do meu avô...

FIM DA PEÇA

Palhaço / Narrador — E por aqui encerramos o nosso espetáculo. Muito obrigado a todos.

PANO